

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E O REVIDE EM “A TRAVESSIA DO RIO”
(1993), CARYL PHILLIPS

Bolsista: Rodrigo Anderson Machado Cavalcante

HUMAITÁ

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB – H – 0008/2012
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E O REVIDE EM “A TRAVESSIA DO RIO”
(1993), CARYL PHILLIPS.

Bolsista: Rodrigo Anderson Machado Cavalcante
Orientadora: Profª Ms. Elis Regina Fernandes Alves

HUMAITÁ
2013

RESUMO

Este relatório aborda os principais aspectos da teoria da formação da identidade e do revide na obra *A travessia do rio* (1993), de Caryl Phillips, na qual objetiva-se mostrar que a formação da identidade de Nash, Martha e Travis, personagens da obra analisada, sofreu interferência do poder colonial ao serem outremizados e posteriormente escravizados, bem como a forma de revide encontrada por estes personagens para romperem com a soberania do poder colonial. O enredo mostra a trajetória de vida destes três personagens ao longo de 250 anos, mostrando as diferentes trajetórias em contextos histórias diferentes. Para a análise da obra utilizamos autores como: Aschcroft (2000), Bonnici (2005), Bhabha (1998), Pratt (1998), Munanga (1998), entre outros, para definir os conceitos de colonização, além do embasamento teórico pertinente à formação da identidade e do revide. Conclui-se que os personagens apresentam aspectos significativos tanto para as teorias da formação da identidade quanto para o revide, possibilitando assim, a aplicação e exemplificação da teoria póscolonial.

Palavras - chave: Póscolonialismo, Formação da identidade, Revide, Caryl Phillips.

ABSTRACTS

This report discusses on the main aspects of the identity formation and the intervention theories in the work *Crossing the river* (1193), of Caryl Phillips, in which we aim to show the identity formation of Nash, Martha and Travis, characters analyzed in the work, underwent changes when they were alterityed and subsequently enslaved, as well as the alterityed way found by them to break the hegemony of the colonial power. The plot shows the saga of life of the three characters over 250 years, showing the different trajectory in three different history context. For the analysis of this work, we used authors such as: Aschcroft (2000), Bonnici (2005), Bhabha (1998), Pratt (1998), Munanga (1998), among others, to define the colonial concepts, besides the identity theory and the intervention. We concluded that the characters show significant aspects as much the identity formation theories as the intervention, allowing, the application and exemplification of the postcolonial theory.

Key – Words: Postcolonialism, identity formation, Caryl Phillips

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	08
O processo de colonização	09
A formação da identidade pelo discurso, linguagem e ideologia	10
O revide	10
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	13
RESULTADOS e DISCUSSÕES	13
A formação da identidade de Nash, Martha e Travis	13
O revide de Nash, Martha e Travis	19
CONCLUSÃO	21
FONTES E REFERÊNCIAS	22
CRONOGRAMA	23

INTRODUÇÃO

Desde os anos 70, a teoria literária pós-colonial tem se dedicado ao estudo de obras produzidas em contextos de colonização e pós-colonização, analisando os efeitos produzidos pela chegada das metrópoles europeias às colônias. Antes da colonização, não havia a diferença, pois que os sujeitos nativos não faziam a comparação entre si e outras culturas. Com a chegada do poder imperial é que se cria a diferença, base do discurso do colonizador. É este discurso que a literatura pós-colonial reproduz em obras de ficção e que a teoria pós-colonial busca analisar, verificando os reflexos da dominação europeia nos povos colonizados. (ASHCROFT, 2001).

Os efeitos produzidos pela colonização são diversos e no contexto literário é passível a observação de personagens que mesclam, em si, muitas destas características. Assim, é que se pode analisar, em obras produzidas em contextos coloniais, o sujeito colonial estereotipado por um discurso preconceituoso, que o inferioriza para dominar. Além disso, os sujeitos coloniais, muitas vezes, são reproduzidos como personagens cuja identidade se fragmenta dada as imposições discursivas dos colonizadores que lhes imputam estereótipos negativos, inferiorizando sua cor, sua raça, seus costumes, sua religião, sua língua, toda sua cultura, enfim. Isso ocorre porque o europeu colonizador possui uma visão binária da realidade, criando posições hierárquicas que enfatizam diferenças entre termos inferiores e superiores. (LOOMBA, 1998). No contexto de colonização, as oposições binárias foram extremamente utilizadas pelos colonizadores que, ao descrever a terra e seus habitantes, citavam-nos como selvagens, bárbaros, incultos, ao passo que o europeu era avisto como civilizado, culto, correto.

A partir desta inferiorização, chamada de outremização por Spivak (ASHCROFT, 2001), o sujeito colonial passa a aceitar-se como inferior, inculto, diferente dos padrões europeus, considerados bons e modelares. Acontece, então, o que Bhabha (1998) chama de crise de identidade do sujeito colonial, que tende a imitar os padrões ditados pela metrópole e tentar branquear-se, ou seja, tornar-se igual ao branco europeu, modelo de civilidade. Assim, este sujeito outremizado passa a negar seus próprios valores, aceitando-se como errado e tentando corrigir estes erros. Neste sentido, vemos que o sujeito colonial tem sua identidade formada e/ou fragmentada a partir da experiência da colonização. Para BONNICI (2005), importa entender a formação do sujeito colonial, na medida em que os condicionamentos e as imposições dadas à sua subjetividade afetam a percepção de sua identidade e mesmo sua aceitação. Para Ashcroft (2001), o sujeito colonial tem sua identidade formada, principalmente, por questões que envolvem sua linguagem, sua ideologia e seu discurso e, ainda, a linguagem, a ideologia e o discurso do sujeito colonizador que representa o poder na colônia. Assim, afirma Ashcroft que “The development of influential theories of subject construction

by ideology, discourse and language in the work of Althusser, Foucault and Lacan seems to provide very effective models for the construction of colonial subjects by a dominant imperial culture” (2001, p. 35).

Ao ter sua identidade formada pelo cerceamento linguístico, discursivo e ideológico do colonizador, o sujeito colonial pode aceitar a outremização e tentar negar sua própria identidade ou pode, ainda, resistir e revidar. Ao resistir, o colonizado tenta reverter o binarismo, fugir da outremização e abalar o poder colonial, descentralizando-o. A resistência pode ocorrer de forma violenta, com o revide físico às ordens estabelecidas pela metrópole, como aconteceu com os astecas, na região que hoje é o México, que foram dizimados ao ter embates corporais contra a coroa espanhola (TODOROV, 1999). Mas, há, também, a chamada resistência discursiva, em que os sujeitos coloniais tentam revidar à dominação colonial por meio do uso subversivo dos valores impostos. Tal tipo de revide, segundo Ashcroft (2001) é muito mais eficaz, na medida em que opera de forma silenciosa, sem causar alarde nas forças imperiais e, a longo prazo, é capaz de mudar a mentalidade do sujeito colonizado. Tais formas de revide se dão no campo da escrita, por exemplo, quando o sujeito colonial reescreve os cânones europeus a partir de seu ponto de vista. Há também o revide por meio da mímica e da paródia, imitações irônicas da cultura europeia, ou ainda o uso da civilidade dissimulada, que consiste no uso de elementos da cultura europeia pelo colonizado de forma subvertida. (BHABHA, 1998).

O romance “A travessia do rio”, de Caryl Phillips, foi publicado em 1993. O autor recebeu diversos prêmios diante de sua vasta produção, dentre eles o James Tait Black Memorial Prize, por “A travessia do Rio”. Phillips escreve, comumente, sobre as experiências dos escravos e ex-escravos na Europa ou nos Estados Unidos, a formação de sua identidade, além das relações diaspóricas dos colonizados. É também escritor de crítica literária e de peças teatrais, além de professor da Universidade de Yale (BIOGRAPHY, online, 2012). O romance a ser aqui analisado narra a trajetória de três personagens, Nash, Martha e Travis, em momentos históricos e localizações distintos, respectivamente, a saber: 1830, Libéria; Fim do século XIX, Oeste dos Estados Unidos; Período da segunda Guerra Mundial, Inglaterra. As narrativas das vidas destes personagens mostra a fragmentação metafórica de uma família de 3 filhos, vendidos como escravos pelo pai na costa africana em algum momento do início do século XIX. Obviamente o pai é uma alegoria do sujeito colonizado, que ao ter sua colheita perdida vende os próprios filhos, desesperado. Os filhos são, também, metonímia dos escravos espalhados ao longo do mundo “civilizado” após as colonizações africanas. Nash transforma-se em um missionário e retorna à Libéria para catequizar os sujeitos coloniais, mas logo percebe-se mais como colonizado do que como colonizador e retoma suas raízes fragmentadas anos antes pela escravização. Martha é escrava nos Estados Unidos, tendo sido trazida da África quando criança. Vê-se separada de seu marido e sua filha, ambos vendidos pelo senhor de sua fazenda e decide fugir da escravidão, percorrendo inúmeros estados dos Estados Unidos até morrer sem ver sua filha novamente,

delirando em meio à dor da perda do amor e da liberdade. Travis é um soldado norte americano recrutado para a segunda Guerra Mundial. Na Inglaterra, conhece Joyce. Ambos se apaixonam e ela engravida, mas é mal vista por se envolver com um homem negro. Travis morre em combate, na Itália, sem conhecer o filho. Há, também, a narrativa a respeito do Capitão Hamilton, mercador de escravos, comprador dos três irmãos.

Este romance permite a observação da Formação da identidade dos sujeitos coloniais, cada um recebendo pressões ideológicas e discursivas diferentes. Nash torna-se cristão, um escravo obediente e fiel. Martha prefere continuar sendo escrava a perder a filha e o marido. Travis tem medo de misturar-se com os brancos. É possível, também a observação da resistência operada pelos personagens escravizados. Nash acaba por abandonar a missão religiosa iniciada na Libéria por ordem de seu senhor, Edward. Martha foge da escravidão e torna-se uma negra livre nos Estados Unidos. Travis une-se a uma mulher branca, contrariando as pressões sociais. Diante disso, importa, neste romance, o modo como estes personagens tem sua identidade fragmentada a partir da experiência da colonização e da escravidão, bem como o meio utilizado para resistir e revidar às imposições coloniais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O processo de colonização

A colonização efetuada pelos europeus se diferencia das demais colonizações praticadas por outros povos por conta do tamanho do impacto causado aos sujeitos colonizados. Tal processo alterou profundamente as estruturas sociais e políticas dos povos colonizados, causando grandes impactos ao desenvolvimento destas colônias, neste sentido Loomba (1998) define o colonialismo moderno como “o controle do território, apropriação de recursos materiais, exploração do trabalho e interferência das estruturas políticas e culturais de outro território ou nação”.

Para que conseguissem justificar a colonização não só para os próprios colonizados, mas também para o resto do mundo, os europeus utilizavam-se de um discurso outremizante, o qual transformava tanto ele próprio quanto o colonizado em outros, porém outros que estavam definidos dentro de uma relação binária que sempre beneficia o colonizador. Esta relação binária consistia geralmente em colocar tanto colonizado como colonizador em polos opostos, o que tornava o colonizador um ser superior em todos os sentidos e o colonizado era posto como inferior.

Ascroft et.al (2000) enfatizam que a outremização é um processo dialético porque a colonização do Outro é estabelecida ao mesmo tempo em que seus outros colonizados são produzidos como sujeitos, desta forma, a outremização não se restringe apenas à produção do Outro/colonizado, pois tanto colonizado como colonizador são produzidos no mesmo discurso.

Anteriormente ao colonialismo, os povos que habitavam os continentes distantes da Europa eram apenas imaginados, pois ainda não havia um contato direto entre os europeus e eles. Assim, “os europeus que viajavam levavam com eles certas imagens prévias das pessoas que eles esperavam encontrar” (Loomba, 1998, p.58). Neste sentido, ao ter o contato real com estes povos os exploradores e viajantes europeus podiam desmitificar estas imagens ou permanecer utilizando-as de modo equivocado, optaram pela segunda opção, já que eram essas imagens que legitimavam o discurso do colonizador europeu frente às autoridades europeias e o resto do mundo.

Por volta do século XV começaram as viagens marítimas para a expansão da Europa e conseqüentemente o encontro real entre os europeus e os povos que posteriormente seriam colonizados. O contato entre ambos, logicamente, serviria para confirmar ou não as imagens anteriormente criadas, porém o que ocorreu foi que mesmo comprovando que os povos desconhecidos não eram como descritos anteriormente, os exploradores europeus as mantiveram. Os colonizadores europeus necessitavam manter as imagens anteriormente criadas, pois já haviam criado noções sobre a inferioridade dos não-europeus e

assim providenciavam uma justificativa para os assentamentos europeus, práticas comerciais, missões religiosas e atividades militares. Pratt (1998).

A formação da identidade pelo discurso, linguagem e ideologia

Os estereótipos pelos quais os colonizados são representados foram construídos com as teorias pseudocientíficas durante o século XVIII, época que culminou com dois acontecimentos importantes para a ciência, um deles foram as expedições científicas que visavam coletar informações acerca do resto do mundo e o outro foi o surgimento de uma nova disciplina, a História Natural. Estes dois eventos tiveram um valor fundamental para a forma como os europeus viam a si mesmos e como distinguiam os demais. A História Natural procurou sistematizar as espécies existentes ao redor do mundo e o maior impacto disto foi a inclusão do homem como sendo um animal. (Pratt, 1998).

É a partir do discurso do colonizador que a identidade do colonizado é fragmentada, uma vez que o discurso do colonizador, baseado nos estereótipos, constrói uma ideologia pela qual o sujeito colonizado dificilmente consegue se desvencilhar, neste sentido, Bhabha (1998, p.73) afirma que “seu passado amarrado a traiçoeiros estereótipos de primitivismo e degeneração não produzirá uma história para o *Socius*, seu presente, desmembrado e deslocado, não conterà a imagem de identidade”, ou seja, os laços criados pelo colonizador europeu não permitem ao colonizado construir sua própria identidade, não o conduzem a uma autonomia cultural, social e política. A agência do colonizado é determinada a partir do olhar do colonizador, é ele quem define o que o colonizado pode ou não fazer.

A partir das imposições do colonizador e da anulação do seu ser, o negro passa a buscar formas de ser novamente reconhecido, de ter uma identidade construída por ele e não imposta por outrem. Ele irá questionar o porquê de sua colonização e o que lhe falta para estar no mesmo patamar que o colonizador branco. Bhabha (1998, p.76) afirma que “é sempre em relação ao lugar do Outro que o desejo colonial é articulado: o espaço fantasmático da posse que nenhum sujeito pode ocupar sozinho ou de modo fixo e, portanto, permite o sonho da inversão dos papéis”. Esta afirmação descreve qual o desejo do colonizado, o que mantém viva sua esperança de um dia tornar-se equivalente ao seu dominador, que neste contexto gera até certa admiração por parte do colonizado, uma vez que a imagem opulente de seu dono lhe causa um desejo de ser como ele, de estar no seu lugar.

A admiração pelo branco faz com que o negro não só tenha vergonha de sua raça, de sua cor que lhe torna diferente aos olhos do branco, mas faz com que ele queira tornar-se também branco. Munanga (1998, p.27) diz que “o embranquecimento do negro realizar-se-á principalmente pela assimilação dos valores

culturais do branco”. Ou seja, o negro tentará ser equiparar ao branco através da negação de sua própria cultura, trocando-a pela do branco, que a seu ver é melhor que a sua.

Embora muitas vezes efetue imensos sacrifícios para alcançar o seu desejo de tornar-se branco, o negro buscará caminhos que lhe possibilitarão ser reconhecido como branco, para este fim ele irá se vestir, falar e agir como um branco. Algumas vezes o negro terá prejuízos para “ficar” branco. Munanga (1998, p.30) chama atenção para este ponto, dizendo que “prefere-se comprar joias de baixa qualidade nas butiques europeias em vez de objetos artísticos, abandonados aos turistas europeus. As negras desesperam-se, alisando os cabelos e torturando a pele com produtos químicos, a fim de clareá-las um pouco”. Desta forma, podemos perceber que além de já terem sofrido bastante com todo o processo de colonização, ainda sofrem mais na tentativa de ficar igual ao seu algoz. Outro aspecto marcante é que importa também sentir-se como branco, não importa quais preços tenha que se pagar, o que fica nítido no exemplo da compra das joias de baixa qualidade.

Apesar do esforço, o negro jamais conseguirá ser um branco efetivo, afinal, o que o diferencia está na sua pele: a cor. É a visão do branco sobre sua pele que o outremiza, que o torna inferior, que é notável ao perceber os olhares de repúdio. Neste sentido, “nada importa no seu ser: médico ou operário, antilhano ou africano, ele será tratado como negro, apontado como negro, temido como negro.” (Figueiredo, 1998, p. 67).

Desta forma, a formação da identidade do sujeito colonizado se dá através do discurso e da linguagem por conta do discurso outremizante, que se utiliza de argumentos linguísticos como os estereótipos para validar o discurso. O discurso e a linguagem por sua vez, auxiliam a consolidar a ideologia europeia, que subjuga o sujeito colonizado e garante a hegemonia europeia.

O revide

Os colonizadores europeus conseguiam a hegemonia sobre os povos colonizados através do discurso outremizante e da opressão que exerciam sobre estes povos, porém a hegemonia não é invencível, uma vez que qualquer discurso ao ser exposto torna-se vulnerável, já que não está imune às mudanças decorrentes do tempo e das evoluções. Desta forma, a hegemonia europeia não só apresentava uma abertura que a tornava vulnerável à interferência dos colonizados como permitiu a ação do revide por parte dos colonizados.

Pode-se mencionar duas formas principais de se realizar o revide: revide físico e o revide discursivo. O revide físico consiste na luta armada contra o poder colonial, sendo por isso menos eficaz uma vez que é o mais instantâneo, a primeira forma de revidar encontrada pelos colonizados que não possuíam armamentos tão eficazes quanto os dos colonizadores europeus. Esta forma de revide gerava muito mais prejuízos do que ganhos, pois era impossível vencer qualquer disputa apenas com a força física e armamentos primitivos como

o arco e flecha. Em um dos relatos sobre a colonização e descrição da vida dos astecas, Todorov (2003) mostra a ineficiência do revide indígena contra os colonizadores espanhóis,

Os astecas não conheciam a metalurgia, e por isso suas espadas e armaduras são menos eficazes; as flechas (não envenenadas) não valem os arcabuzes e canhões dos espanhóis; nos deslocamentos, estes últimos são bem mais rápidos: dispõem, em terra, de cavalos, ao passo que os astecas sempre andam a pé e, na água, sabem construir bergantins, cuja superioridade em relação às canoas indígenas tem um papel decisivo [...] p. 85

Diante disto, surge a necessidade de encontrar formas de revide mais eficazes e menos devastadoras. Da busca de revidar sem utilizar a força física, surge o revide discursivo, um meio quase imperceptível ao colonizador como revide, um que vez que este se dá através de estratégias discursivas como a mímica e a cortesia dissimulada, ou *sly civility*.

A articulação da mímica se dá através de algo que vai do aparentemente inofensivo para algo muito mais profundo, um revide disfarçado que age lentamente, quase imperceptível. Uma imitação que é ao mesmo tempo cópia e denúncia. Quando o discurso colonial incentiva o colonizado a imitar o colonizador, adotando os hábitos culturais, suposições, instituições e valores, o resultado nunca é uma simples reprodução dessas características (Ashcroft et.al, 2000). Assim, quando o colonizador permite a sua imitação, abre uma fenda para o colonizado não só o imitar, mas também para o denunciar, embora não tenha conhecimento disto. A denúncia não é de forma explícita, até porque o local de denúncia não permite ações tão precisas, é sutil e por isso eficiente. Bhabha (1998, p. 131), afirma que "... o excesso ou deslizamento produzido pela ambivalência da mímica (quase o mesmo, mas não exatamente) não apenas "rompe" o discurso, mas se transforma em uma incerteza que fixa o sujeito colonial como presença "parcial"

A presença "parcial" descrita por Babha está na ação da mímica, uma vez que ao imitar o colonizador europeu, o colonizado não apenas gera uma falsa impressão de segurança à hegemonia européia como também gera parcialmente uma forma de se desvincular dele e de suas imposições coloniais.

Através dos objetivos propostos e posteriormente o levantamento das teorias que dizem respeito da formação da identidade e do revide dos sujeitos colonizados foi possível compreender as implicações decorrentes do colonialismo e como os colonizadores europeus conseguiram colocar sua ideologia como hegemônica e assim subjugar os colonizados.

O plano de desenvolvimento econômico da Europa necessitava de terras e meios que permitissem sua ascensão e assim, através das viagens marítimas descobriram terras que já estavam habitadas por povos até então desconhecidos. A partir disto, recorreram ao colonialismo para subverter estes povos e assim extrair riquezas e produtos que permitissem a ascensão econômica europeia. Para tanto, recorreram a instrumentos discursivos que tornassem os sujeitos que até então eram habitantes livres em sujeitos subordinados às suas vontades.

Assim, entra neste contexto colonial a outremização, que consiste de um arcabouço discursivo pelo qual a hegemonia europeia cria os seus outros. Porém, dentro deste discurso, tanto colonizado como colonizador são outros, o que os torna diferentes é o grau de importância dado a cada um. O colonizador, por exemplo, mostra-se um ser hegemônico, culturalmente e tecnologicamente avançado, enquanto o colonizado representa tudo aquilo que está abaixo de tudo o que o colonizador representa, neste sentido o colonizado é: selvagem, intelectualmente deficiente e preguiçoso e por isso jamais conseguirá se equiparar ao colonizador, dando razões para que seja colonizado, uma vez que não poderá desenvolver, só poderá ser escravo.

O discurso colonial europeu então, garante sua hegemonia através deste discurso outremizante, que torna o sujeito colonizado desprezível a partir destas imagens estereotipadas que decorrem principalmente pelo olhar que o colonizador europeu tem da cor da pele do colonizado. Neste sentido, o discurso outremizante é tão forte que faz com que o próprio colonizado acredite nele e passe a duvidar de si mesmo, desta forma cria-se uma crise de identidade: o colonizado duvida de si mesmo e tem o colonizador europeu como o sujeito ideal e é a partir disto que ele irá buscar formas que o torne ao menos equivalente ao colonizador.

Em sua mente, o sujeito colonizado acredita que imitando o colonizador, poderá alcançar seu objetivo, assim ele passará a: se vestir como o colonizador; adquirir sua linguagem, sua cultura e valores; agir como ele e assim menosprezar os sujeitos de sua própria raça. Porém, a tentativa de se igualizar é frustrante, já que ele não consegue imitar de forma perfeita, uma vez que antes da colonização ele já possuía uma identidade que fora construída antes do contato com o colonizador europeu, não é possível apagar totalmente esta identidade que continha a ideologia, a cultura, religião e valores de seu povo.

Decorrente desta imagem imperfeita de europeu, o colonizado se vê totalmente perdido, já que seus objetivos não são válidos, o colonizador não o respeitará e muito menos o reconhecerá como branco, uma vez que a identidade que lhe foi dada faz parte da ideologia de dominação do colonizador europeu e o problema maior está na visão que o colonizador tem da cor da pele do colonizado, é a perspectiva do colonizador que construiu esta identidade estereotipada.

Desta forma, as identidades são fragmentadas porque se constituem de fragmentos da identidade tida até antes da colonização e da nova identidade imposta pelo europeu através do discurso, da ideologia e da linguagem.

Portanto, os objetivos propostos nesta pesquisa, são passíveis de análise dentro da obra "A travessia do rio", pois os três personagens: Nash, Martha e Travis têm suas identidades fragmentadas a partir da colonização, são subjugados e escravizados para satisfazer os planos econômicos de expansão europeia.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Pelo presente trabalho ser de caráter bibliográfico e de cunho qualitativo, foi realizado em um primeiro momento a leitura do romance “A travessia do rio (1995), de Caryl Phillips e em seguida foi realizado o fichamento da obra. Em um outro momento foi realizada o levantamento, leitura e fichamento de autores como: Ashcroft (1995; 2001); Bhabha (1998); Bonnici (2005, 2009); Figueiredo (1998); Loomba (1998); Pratt (1992); Todorov (2003), entre outros.

A partir da leitura e reflexão destes autores é que foi possível ter conhecimento teórico acerca da colonização e os processos sociais, culturais e políticos que o legitimaram, bem como ter embasamento teórico acerca da formação da identidade dentro do contexto colonial e também sobre o revide.

Por fim, foi realizada a análise da obra, partindo sempre da leitura dos teóricos para assim compreender a teoria e em seguida encontrar os aspectos da teoria dentro da obra analisada.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A formação da identidade de Nash, Martha e Travis

A narrativa gira em torno de três personagens centrais que são Nash, Marta e Travis, os quais em um primeiro momento são vendidos para um mercador de escravos pelo próprio pai,

“Uma tolice desesperada. A colheita fracassou. Vendi meus filhos. Me lembro bem. Levei-os (dois meninos e uma menina) por longos caminhos, até chegarmos ao ponto em que os lodaçais são repletos de gaivotas e carangueijos. [...] Fiquei olhando enquanto eles se abraçavam e olhavam para o forte, onde tremulava no alto uma bandeira estrangeira. [...] A distância estava o navio ao qual eu logo iria condená-los. (PHILLIPS, 1995, p. 11)

É a partir da venda dos sujeitos que eles são inseridos no contexto colonial, e dentro deste contexto é que eles são subvertidos, têm suas identidades fragmentadas, já que passam de sujeitos para o patamar de objeto. Nash, Martha e Travis são separados, têm sua família fragmentada pelo próprio pai, uma vez que a unidade familiar é destruída e eles são deslocados para diversos pontos do mundo por intermédio do mercador de escravos. Na narrativa, o mercador de escravos é James Hamilton.

Assim como Nash, Martha e Travis, o personagem James Hamilton possui um capítulo inteiro dedicado à seu desenvolvimento dentro da narrativa, é através dele que temos acesso a mentalidade do colonizador/mercador e de que maneira é o tratamento dos colonizados nos navios mercantes. Através de seus relatos expostos em seu diário de bordo, podemos perceber que os negros eram tratados como animais e não como seres humanos, eram colocados em condições subumanas, são transportados no porão do navio, amontoados, o que facilitava a proliferação de doenças que eram muito comuns, causando a morte de dezenas de escravos durante as longas viagens marítimas.

O diário de bordo do capitão James Hamilton é de suma importância para a compreensão da ideologia dos colonizadores europeus. Neste diário, Hamilton mantinha o controle sobre tudo, das condições climáticas ao controle dos escravos, é nele que temos acesso a forma como os escravos são tratados, e é importante salientar que os escravos não são chamados pelo nome, todos os escravos são mencionados por números o que nos permite presumir que para o mercador eles nada mais são do que objetos, mercadoria,

“Antes da meia-noite, sepultei mais 3 escravos (n^{os} 71, 104 e 109). Não sei do que morreram, pois não estavam lá muito vivas desde que embarcaram (...)”

“Quando estávamos levando os escravos ao calabouços esta noite, um deles, que estava febril, pulou no mar (n^o 97)” (PHILLIPS, 1995, p. 159)

“Hoje sepultei 2 bons escravos homens, n^{os} 27 e 43, que estavam doentes há algum tempo mas que não achávamos que corresse risco de vida.” (PHILLIPS, 1995, p. 160)

Há uma transição significativa para a identidade destes escravos, já que são arrancados do seio de sua cultura, de seu país de origem para serem submetidos a um regime de subserviência ao colonizador, perdem sua identidade, não são mais dignos de voz, são apenas números, nada mais. Como em um armazém de mercadorias, o capitão leva em conta os “produtos” perdidos e o conseqüente prejuízo financeiro e não a perda de vidas, a perda de seres humanos que tinham uma vida assim como ele.

Após a venda para Hamilton, os três personagens principais são deslocados para países diferentes e partir daí cada um tem uma história a ser analisada, cada um teve experiências significativas para a teoria póscolonial, desta forma partiremos para a análise individual destes personagens, a começar por Nash, um dos irmãos que possui aspectos significativos tanto para a teoria da formação da identidade quanto para a teoria do revide.

Nash passou alguns anos como escravo de Edward, porém após algum tempo foi enviado para estudar fora e assim receber uma educação europeia, em seguida foi enviado para a Libéria como um missionário. Ao chegar à Libéria, Nash mostra-se estranho ao país, uma vez que foi arrancado de lá ainda criança, mas o que chama a atenção é o olhar de Nash sobre o país e seus habitantes,

“(...) pois àquela altura eu estava convencido de que o caráter de todas as pessoas de cor que moram em Monróvia estava apodrecendo sob o calor africano. Minha conclusão é de que o espírito e a integridade de um homem são regados e alimentados de maneira mais prazerosa em meio aos nativos pagãos do país, pois lá é possível observar diariamente os traços do trabalho cristão, o que prova a superioridade do modo de vida americano sobre o africano” (PHILLIPS, 1993, p. 42-43.)

Nash faz uma comparação entre si mesmo e as pessoas que abrigam o país, sente-se orgulhoso por ter tido a oportunidade de se civilizar, desprezando assim a cultura de seus antepassados. Ele não só despreza a cultura e os que ainda a cultivam como faz uma comparação entre as duas, dando o grau de

superioridade para a cultura americana. Embora seja americano no modo de agir e pensar, Nash ainda assim é negro, carrega na pele o símbolo da diferença, deveria ao menos mostrar em quais aspectos a cultura de seu povo supera a dos americanos, mas prefere não só menosprezar, mas também compactuar com a forma que os colonizadores veem seu povo. A forma como ele analisa os seus compatriotas é semelhante àquela que o colonizar utiliza para outremizar os colonizados, vê a todos como um grupo e a partir do coletivo faz uma comparação, dando o mérito de superior ao modo de vida europeu.

Nash percebe a Libéria e seus habitantes desta forma por conta do processo de outremização realizado pelo colonizador europeu desde o começo de sua colonização, ele absorveu todas as ideias outremizantes, uma vez que não podia pensar de outra forma, já que estava inserido em um outro contexto cultural e social, logo a cultura de seus antepassados não podia ser inserida em um contexto em que ele e os demais negros eram minoria e não tinham o direito de agir. Nash assimilou a relação binária existente entre a cultura do negro e a cultura do colonizador.

Na visão binária sustentada pela ideologia da colonização européia, tudo o que dizia respeito ao negro era o oposto negativo da cultura europeia, e esta relação foi disseminada através do discurso é que permitia a subversão dos colonizados, fazendo com que eles fossem escravizados, vendidos e tidos como inferiores.

Além disso, Nash envia cartas para Edward periodicamente, em todas as cartas ele sempre requer alguma coisa, já que não é tão fácil viver em um país aparentemente novo e sem meios que o possibilitem sobreviver de maneira confortável, tudo é difícil. Logo na primeira carta, datada de 11 de setembro de 1834, ele faz o seguinte pedido,

“O senhor poderia fazer a gentileza de mandar algumas sementes de mostarda e linhaça para dor de estômago? Pai, o senhor poderia fazer o favor de mandar um par de óculos para meu uso próprio e outro para minha esposa, Sally? Preciso muito de roupas. O senhor pode mandar um pouco de tecido comum e sapatos? Além disso, minha mulher lhe pede uma roda de tear e um baralho para mantê-la ocupada. [...] A quantia de 300 a 500 dólares não faria muita falta para um homem como o senhor, mas num país difícil como este, pode mudar de um dia para o outro a sorte de um homem”. (PHILLIPS, 1995, p. 35)

Além dos pedidos de mantimentos e instrumentos para a agricultura, Nash mostra-se sempre grato a tudo o que Edward possibilitou a ele, ignora o fato de ter sido escravo e estar submisso às ordens de Edward,

“Dá-me muito prazer --- tanto que nem posso expressar --- pensar que tenho alguém como o senhor como conselheiro e amigo. [...] Agradeço a Deus por ter tido a sorte de nascer num país cristão, entre pais e amigos cristãos, e por o senhor haver tido a bondade de pegar a mim, uma criança tola, das mãos de meus pais e me criar em sua própria residência, mais como um filho do que como servo. [...] Houvesse eu tido a liberdade de simplesmente viver solto, hoje estaria coberto pelas mesmas vestes de ignorância que cobrem os ombros de meus irmãos negros. (PHILLIPS, 1995, p. 34)

A análise das cartas nos permite traçar o perfil de Nash como de um sujeito passivo às vontades de seu dono, tudo gira em torno da religião para ele, se a nova vida na Libéria possui muitas dificuldades, isto é necessário para que ele consiga cumprir seu objetivo. Ele acredita que as dificuldades fazem parte do propósito de Deus para ele, como se não tivesse escolha, estivesse determinado a ser eternamente submisso e que precisasse mesmo passar pelas dificuldades encontradas. Sua vida gira em torno da religião e dos valores morais passados por Edward.

No que diz respeito à Martha, os efeitos da colonização sobre ela a mantém sempre em uma posição de subalterna, mesmo após ter fugido das mãos de seu dono ela sempre está submissa aos outros, nunca teve a verdadeira liberdade, nunca construiu uma vida que fosse realmente sua, já que sempre estava se deslocando de um lugar para o outro desde o dia em que foi vendida. Tomando o fato de sua constante deslocação e perdas em sua vida, a identidade de Martha é complexa de se delimitar, ela nunca teve uma vida estável, seus vínculos familiares sempre estavam em constante ruptura, é fragmentada desde o contato com o mercador de escravos quando foi vendida por seu pai e fragmenta-se novamente ao ter sua filha e marido vendidos para outro comprador.

A visão que Martha tinha de si mesma era de uma velha, talvez esta tenha sido a reação causada pelos inúmeros maus tratos a qual era submetida, a imagem degenerada que tem de si foi formulada pelo colonizador, aliás, foi moldada pelo colonizador, apanha sem motivo aparente, como no trecho abaixo:

"O supervisor olha em minha direção, por isso me abaixo novamente e volto a colher. Já tenho as mãos de uma mulher do dobro da minha idade, a pele massacrada, machucada e sangrando, como couro puído. O supervisor vem com o cavalo até onde estou, as pernas no alto, empertigadas, quase dançando. Ele olha para mim, com o sol por trás emoldurando-lhe a cabeça numa espécie de auréola. Levanta o chicote e o desfere sobre o meu braço. Não ouço as palavras que saem da sua boca. PHILLIPS, 1993, p. 105-106

A crueldade que lhe cerca durante o período que era escrava interfere na sua condição física, não só psicológica, a visão que é mostrada no fragmento mostra uma Martha extremamente debilitada, trabalhando até as últimas forças, enquanto o supervisor é visto como quase um anjo, já que a ela enxerga o sol como uma auréola em sua cabeça. Embora este relato mostre o modo como ela analisa a situação, uma interpretação anacrônica e fora do discurso outremizante permite afirmar que os papéis estão invertidos. O negro não é o demônio da história e a auréola não corresponde aos atos praticados pelos brancos envolvidos no contexto da colonização.

O ex senhor de Martha morre e ela é novamente posta à venda, o herdeiro os coloca à venda e os olha com desdém, não se interessa pelos negócios da fazenda nem tampouco pelos escravos, para ele, os escravos não passam de meros objetos, assim como os demais utensílios da fazenda. No dia da negociação, assim como em um mercado, os escravos estão expostos bem como os demais objetos,

"O leiloeiro manda os comerciantes se aproximarem. Primeiro eles olham os homens. Um comerciante testa os bíceps de Lucas com uma vara. Se um comerciante compra um homem, acabou. É até a morte, todo mundo sabe disso. As famílias que precisam de criados domésticos ou os fazendeiros que precisam de escravas reprodutoras olham para nós, esperando a sua vez. Sou muito velha para gerar filhos. Eles não sabem que eu seria uma completa decepção." PHILLIPS, 1993, p. 107

O papel dos negros dentro do comércio dos escravos é comparado aos equipamentos da fazenda, como pode ser notado no fragmento acima, um dos comerciantes testa os bíceps de Lucas, ou seja, verifica a força física do escravo, como ele poderá ser útil para os trabalhos que exigem força, é interessante também perceber que não há contato físico, o comprador o analisa com uma vara assim não toca na pele do escravo, a repulsa vem da pele, o olhar do europeu sobre ela é o que baseia todo o discurso colonial. A cor da pele do negro baseia a outremização, produz os estereótipos e é o símbolo da diferença entre branco e negro.

O olhar dos brancos sobre os negros neste relato é de suma importância para a compreensão da formação das subjetividades dos colonizados, o olhar dos comerciantes sobre eles é um olhar de mercador de animais, como se estivessem comprando animais para suprir as necessidades da fazenda. Os homens servem como bois para os serviços mais pesados, enquanto as mulheres servem como vacas, com a função de procriar e assim aumentar o rebanho, gerando lucros para o seu dono, uma vez que não precisarão comprar novos escravos e ainda poderão vender os escravos que nascerão.

Logo após ter sido adquirida por outro dono, Martha novamente seria vendida, pois seu novo dono passaria por dificuldades e não conseguiria manter a fazenda, porém Martha consegue fugir, garantindo sua liberdade até o fim de sua vida. Apesar desta suposta liberdade, longe de alguém que tenha plenos direitos sobre ela, Martha passa dificuldades. O papel do negro dentro de uma sociedade predominantemente branca e com ar de superioridade não é dos mais elevados. Ela exerce funções de subordinada para as demais pessoas, em seu relato afirma que já faz dez anos desde a sua fuga e consequente liberdade, já fez de tudo, de cozinhar até lavar, isto nos leva a pensar que mesmo após conseguirem suas liberdades, os sujeitos colonizados nunca conseguem a liberdade plena, já que são limitados a exercer funções de subordinação ao colonizador. As pessoas de cor são mal vistas dentro de um país essencialmente branco, e o relato de Martha ao descrever o pequeno comércio que ganha ao se juntar com um domador de cavalos expressa esta eterna discriminação a eles.

"Ele contou que havia ganhado a loja num jogo de cartas, de um lojista que havia partido para o México com tudo o que tinha nos bolsos. Disse que, para começar, tinha gente que não aceitava a ideia de uma pessoa de cor ser dona de uma propriedade direita, mas que em pouco tempo, as pessoas acabaram deixando-o em paz. E ele ficou ali, entre os vendedores de lenha, os comerciantes, os relojoeiros, os carpinteiros, os ferreiros, os mecânicos, os médicos e os advogados, sem vender nada". PHILLIPS, 1993, p. 117.

É nítido o contraste existente entre as pessoas de cor e entre os brancos, uma pessoa de cor que seja livre não é nada dentro da sociedade branca, mesmo sendo livre. Não há um lugar determinado no sistema

de empregos, assim como as centenas de negros que foram trazidos ao Brasil, que após a abolição da escravidão ficaram deslocados dentro de um país que aparentemente havia lhes dado finalmente a liberdade, porém lhes marginalizava não lhes dando oportunidades igualitárias.

A própria Martha reconhece que não consegue enxergar a diferença entre ser livre e não o ser, a única diferença que podia enxergar era que sentia-se um pouco mais feliz, e só. Continuava dentro de um sistema excludente, “Agora eu estava livre, mas era difícil dizer que diferença isso ia fazer na minha vida. Eu continuava a fazer as mesmas coisas que antes, só me sentia mais contente, e não por causa da proclamação do fim da escravidão, mas por causa do meu Chester”, PHILLIPS, 1993, p. 118. O fato de Martha não conseguir perceber a diferença advém da falta de mudança da própria sociedade em que vivia, uma vez que os negros estavam libertos apenas no papel enquanto, na prática as pessoas ainda os viam de forma outremizante, os viam como os outros opostos aos brancos.

Esta forma de pensar também reflete na forma como Travis é visto dentro de uma sociedade predominantemente branca, mesmo tendo uma distância temporal significativa entre as narrativas.

Travis é um soldado do exército norte americano durante a 2ª Guerra Mundial, tem um relacionamento com a inglesa Joyce com quem posteriormente teria um filho. Travis possui poucos momentos de fala dentro da narrativa, foi descrito a maior parte do tempo por Joyce, isso mostra as limitadas oportunidades de expressão dos sujeitos colonizados dentro do contexto pós colonial, uma vez que foram mantidos silenciados durante todo o período colonial, sendo raras as vezes que tinham a oportunidade de se expressarem. Além disso, ele é em um primeiro momento descrito por sua aparência, segundo o olhar de Joyce sobre ele, “Ele sorriu nervoso para mim. Pude ver o buraco entre os dentes dele, na fileira de baixo. Geralmente é em cima, pensei. É na arcada de cima que as pessoas têm dente faltando. Não é muito comum ver alguém sem dentes na de baixo. Mas tudo bem. Aquilo era diferente, e eu gostei.” (PHILLIPS, 1995, p. 225). Ela o descreve de forma caricata, ele destoa do próprio defeito comum, até sua diferença é diferente do que as demais pessoas geralmente possuem. Além disso, ela o determina por fora, exteriormente, ao que Bhabha (1998) afirma que o colonizado é “sobredeterminado” de fora, pela cor, pelos estereótipos.

Outro fato importante é que Joyce afirma não saber muito sobre as pessoas de cor,

“Nós conversamos no ônibus. A maior parte do tempo eu só fiquei escutando, porque ele falava mais do que eu, Me contou um pouco sobre ele, por que decidiu entrar para o Exército. Eu, por mim, não queria perguntar coisas demais, porque não sei muito sobre o americanos. Ou sobre pessoas de cor”. (PHILLIPS, 1993, p. 273)

Ela não conhece muito sobre as pessoas de cor porque provavelmente não tem contato com elas, o que demonstra um distanciamento causado pelas diferenças raciais, a mistura entre as raças não pode ocorrer uma vez que isto não é bem visto pela sociedade que ainda reflete os ideias dos colonizadores, ou melhor, do discurso que foi utilizado para outremizar e inferiorizar os povos que eram diferentes dos

colonizadores europeus. O fato de Travis ser negro o impede de ter qualquer forma de contato com Joyce, pelo menos teoricamente. Além dos resquícios da outremização dos povos, a 2ª Guerra Mundial foi o auge de um dos maiores massacres da história da humanidade às minorias, tanto étnicas quanto culturais.

O REVIDE DE NASH, MARTHA E TRAVIS

Segundo a teoria levantada anteriormente o revide consiste no rompimento da soberania colonial sobre os colonizados, este rompimento pode ser conseguido através do revide físico, ou seja, a luta física ou armada contra os colonizadores ou através do discurso. O meio mais eficaz é através do discurso, já que com o revide físico os colonizados estão sujeitos a perderem muito mais do que ganharem, uma vez que não possuem armamentos suficientes para vencer os colonizadores.

O revide realizado pelos personagens de “A travessia do rio”, é um revide discursivo, uma vez que ambos rompem o poder colonial através de atos bastante sutis, quase imperceptíveis para o colonizador.

Nash consegue romper com a ideologia colonial que o mantinha submisso mesmo à distância por não suportar mais passar por dificuldades e não receber um retorno de Edward, logo ele rompe com as tradições europeias, vendo que é mais fácil seguir a tradição local, adaptar-se a nova realidade que o circunda do que permanecer fiel a alguém que não o auxilia em nada.

O revide de Nash foi construído paulatinamente já que ele ganha a confiança de Edward por ter um comportamento digno de respeito para os padrões europeus, logo ele vê em Nash um bom candidato para ser missionário na Libéria, já que Nash era oriundo de lá e parecia seguir fielmente as seus mandamentos e a religião cristã. Porém apesar de Nash ter se mantido fiel e submisso durante boa parte do tempo na Libéria, ou deixar transparecer que o era, as circunstâncias não permitiram que ele continuasse.

O que percebe-se pela análise das cartas é que Nash ia aos poucos deixando de ser submisso ao seu ex-dono, uma vez ou outra ele deixa transparecer que gosta do país e que a Libéria é o lugar ideal para os homens de cor, que neste país eles podem realmente serem livres. A percepção da liberdade e as grandes dificuldades que passava por não se adaptar aos costumes do povo da Libéria talvez tenham concedido a Nash o desejo de livrar-se da submissão.

A última carta de Nash é a ruptura do último elo que o prendia aos valores e a cultura europeia. Na carta ele mostra-se um Nash totalmente diferente do que vinha sendo ao longo dos anos, mostra-se seguro e dono de suas convicções. Consegue expor todos os seus pontos de vista que ficaram adormecidos durante o tempo de escravidão,

“Minhas três esposas (pensei até em ter uma quarta, mas essa despesa está além de minhas posses) vão muito bem, assim como as crianças. [...] Elas recebem recebem das mães ensinamentos da língua africana, assim como eu. Tenho a necessidade de entender corretamente o idioma dos nativos aqui de onde resido, e as inconveniências, os sofrimentos e humilhações que

sofro para aprender certamente valem a pena, pois poder me comunicar livremente com os que aqui moram facilita a minha vida.” (PHILLIPS, 1995, p. 86-87)

Para Nash, no contexto africano ao qual estava, a língua europeia não supria suas necessidades linguísticas, já que uma língua constitui-se como parte da identidade cultural de um povo. Neste sentido, a melhor opção para Nash, foi realmente abandonar a língua e os “valores” morais dos brancos para se adaptar inteiramente à cultura africana, que em seu íntimo era a sua cultura também,

“Como afirmei várias vezes, a Libéria é o melhor país para um homem de cor, porque ele pode viver com o suor de seu trabalho, embora tudo continue sendo muito caro e escasso, como roupas, mantimentos etc. Existem muitos outros aqui, e outros mais vêm chegando a cada navio, que não estão preparados para a liberdade e que se saem muito mal, porque não têm ninguém para cuidar deles e são incapazes de cuidar de si mesmos. ,as isso não é culpa do país, pois, apesar de não estarmos livres da fome, das guerras, das doenças, da morte e de outros problemas comuns à humanidade, continuo a dizer que estamos numa situação melhor do que em outras partes do mundo habitado. (PHILLIPS, 1995, p. 88)

Além de assimilar e adaptar-se à cultura africana, podemos ver o revide de Nash bastante nítido em um dos parágrafos de sua carta,

Nós, homens de cor, já fomos oprimidos por tempo suficiente. Precisamos lutar por nossos direitos, fazer valer a nossa voz e sentir o amor da liberdade que nunca poderíamos encontrar nos Estados Unidos. Ao contrário de corromper minha alma, esta Comunidade da Libéria me proporcionou a oportunidade de abrir os olhos e retirar o véu da ignorância, que tanto me aprisionou por toda a minha vida. (PHILLIPS, 1995, p. 88)

Este parágrafo é de suma importância para a compreensão do revide, nele Nash não só revela-se bastante crítico com relação ao domínio europeu sobre si, como tem consciência de que todos os valores que ele considerava bons para ele e para os demais negros, não lhe servem de nada, apenas serviram para dominá-lo. Diante desta tomada de posição de Nash percebe-se que ele permaneceu todos estes anos servindo e obedecendo às ordens de Edward para obter conhecimento e confiança suficientes para romper com as amarras coloniais, caracterizando esta dissimulação de seguir às regras coloniais como uma *sly civility*, que é uma das estratégias para o revide.

No que concerne Martha, o revide desta personagem não se desenvolveu de forma tão complexa, mas garantiu com que ela rompesse com a escravidão e ganhasse a liberdade. Após ter sua família desarticulada novamente, Martha decidiu que nunca mais passaria por tantas dificuldades e decide fugir quando seus donos estavam dormindo. Ela obtém êxito em seu plano, consegue depois de tantos anos a liberdade, como podemos perceber no seguinte trecho,

“Naquela noite, ela preparou sua trouxa e foi embora. Para onde, não sabia (não dou a mínima), preocupada apenas em seguir para o Oeste (para o Oeste), para longe do grande rio (do inferno) e evitar os traficantes de escravos, que a venderiam alegremente do outro lado da fronteira, no Missouri. [...] Martha acabou se levantando e começou a correr. (Sem olhar para trás, garota.) Ela nunca mais seria leiloada. (Nunca.) Nunca mais mudaria de nome. (Nunca.) Nunca mais seria propriedade de outra pessoa. (Não senhor, nunca) Olhou para trás e correu. (Sem olhar para trás, garota). (PHILLIPS, 1995, p. 112)

Os pensamentos de Martha mostram o rompimento com tudo o que a afligia, que entre eles estava a mudança de nome, o pertencimento a alguém como um objeto, tudo isso a tornava presa. O caminho que ela percorre rumo à liberdade, representa a quebra com os elos da colonização, apesar de internamente ela ter ficado marcada para sempre com a experiência colonial.

Quanto a Trávis, ele envolveu-se com a inglesa Joyce, o que de certa forma é um desafio para as imposições da época e dos colonizadores europeus. O fato de ser negro, não permitiria aproximação tão relevante e significativa entre ambos, ainda mais forte quando ele tem um filho com ela. A miscigenação e o envolvimento dos dois revelam um rompimento significativo para as imposições dos colonizadores, Travis teve perspicácia suficiente não só para conquistar Joyce, mas também para gerar um filho com ela, o que foi contra todas as imposições e o discurso colonial que o tornava inferior. Desta forma, o relacionamento de ambos representa a quebra do discurso colonial que assegurava a impossibilidade de uma relação entre uma branca e um negro, revidando assim às tantas proibições e imposições do poder colonial.

CONCLUSÃO

A partir da teoria póscolonial e das teorias da formação da identidade e do revide, pudemos não só analisar, mas também comprovar na obra analisada os aspectos pertinentes as teorias da formação da identidade e do revide. Todos os personagens da narrativa tiveram suas identidades afetadas pelo colonialismo e pelo discurso outremizante do colonizador europeu, ambas as identidades foram reformuladas através da ideologia, da linguagem e do discurso do colonizador. A partir daí estas identidades foram reconstruídas, visando a sobrevivência dentro do contexto colonial.

A submissão de Nash e sua completa reforma identitária, bem como a escravização de Martha e a posição de Travis dentro de uma sociedade predominantemente branca refletem de maneira clara os pressupostos da teoria da formação da identidade, assim como o seu revide. Pudemos comprovar que apesar das imposições dos colonizadores serem fortes o bastante para garantir a outremização e conseguinte escravização dos negros, o discurso colonial não é forte o suficiente para garantir a perpetuação do mesmo, revelando-se suscetível ao revide dos colonizados.

O revide de Nash é um revide silencioso, imperceptível aos olhos de seu dono, ele consegue não só se desvencilhar das amarras de seu dono, mas também consegue tirar proveito ao conseguir não só garantir a sua liberdade como também ser enviado ao seu país de origem, longe de toda a discriminação por parte dos colonizadores brancos e do poder colonial. Martha consegue ao menos fugir, uma vez que foi esta a forma de revide possível a ela, uma vez que possuía idade avançada. Assim como Nash e Martha, Travis também

conseguiu revidar ao colonizador, por meio de seu envolvimento com Joyce, ele provou que é possível o envolvimento entre um negro e uma branca, possibilitando não só o relacionamento, mas também a perpetuação do relacionamento de ambos através do filho.

Desta forma, “A travessia do rio”, constituiu-se de material significativo para a compreensão e demonstração da teoria póscolonial dentro da literatura, garantindo assim a percepção acerca dos possíveis processos de colonização investidos pelos colonizadores europeus e as estratégias empregadas para subverter os sujeitos colonizados, garantindo assim sua escravização e submissão à hegemonia europeia. Além disso, a obra permitiu também a observação e comprovação dos possíveis revides aos colonizadores, possibilitando assim a compreensão dos elementos que compõem o revide de forma discursiva por meio dos personagens da mesma.

FONTES E REFERÊNCIAS

- ASHCROFT, B; GRIFFITHS, G; TIFFIN, H. (orgs) *The Post-Colonial Studies Reader*. London: Routledge, 1995.
- ASHCROFT, B. et al. *Key concepts in Post-colonial Studies*. London: Routledge, 1998.
- ASHCROFT, B. *Post-colonial Transformation*. London: Routledge, 2001.
- BHABHA, H.K. O local da cultura. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BONNICI, T. *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringá: Eduem, 2005.
- FIGUEIREDO, E. *Construções de identidades pós-coloniais na literatura antilhana*. Niterói: Eduff, 1998.
- LOOMBA, A. *Colonialism/ Post-Colonialism*. London: Routledge, 1998.
- MUNANGA, K. *Negritude: Usos e Sentidos*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988.
- PHILLIPS, Caryl. *A travessia do rio*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- PRATT, M. L. *The imperial eyes: .* Trad. Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone Moisés. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

